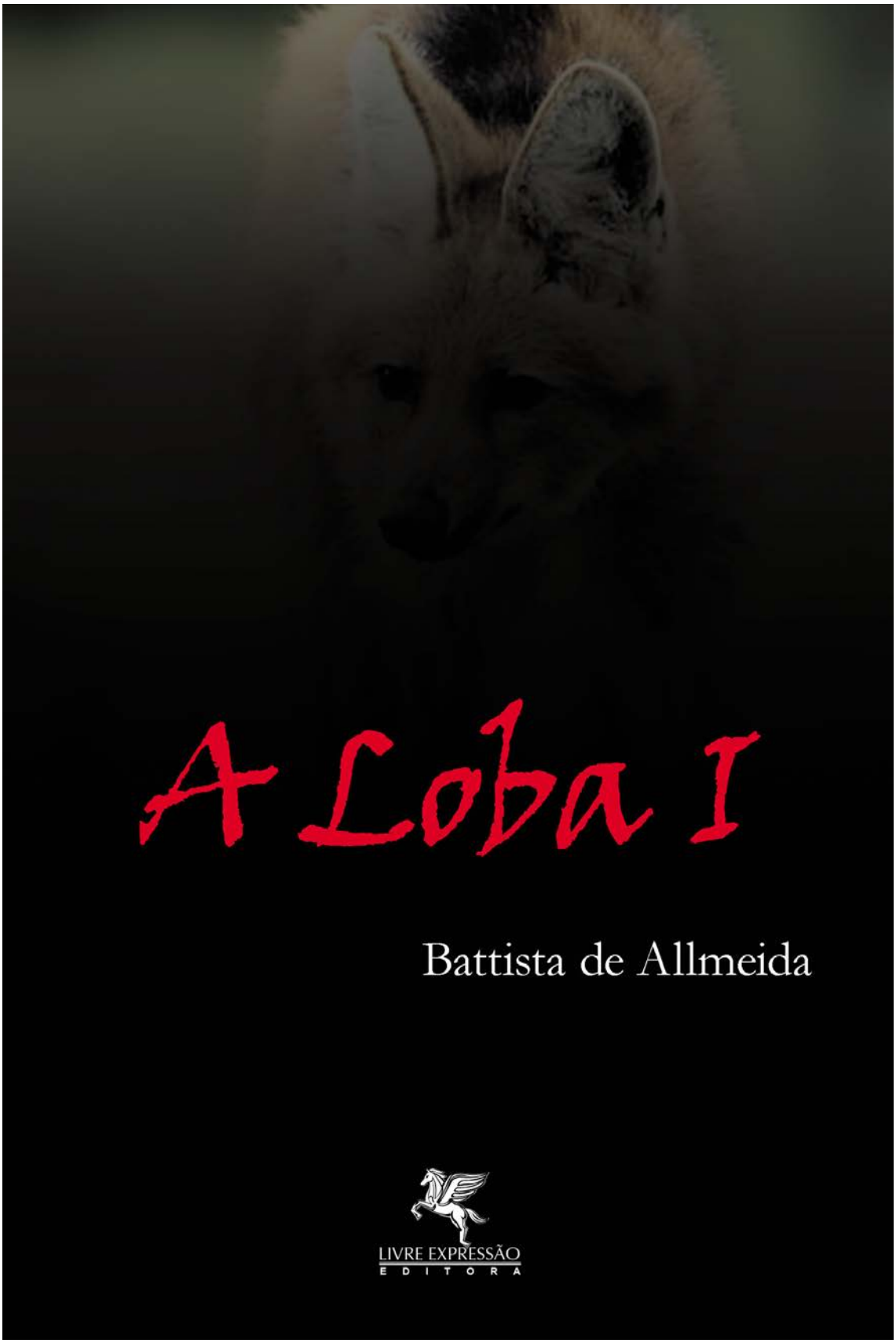

A Loba I
Battista de Allmeida
LIVRE EXPRESSÃO
EDITORA

Dedicatória

Aos Batistas da Silva
Aos Batistas e Predentinos de Almeida
A todas as pessoas queridas
E aos, nem tanto,
por terem fortalecido minha vontade.

Agradecimentos

A todos os anônimos que,
com suas epopéias pessoais,
ajudaram–me a escrever esta obra.

PARTE 1

Conheceu-a num ônibus com um livro perdido, bailando entre as mãos. *Blasfêmia*, literatura vulgar, um mero passatempo. '*Mais para frente que para-choque de kombi*' pediu para ver a obra; após manusear entregou e algumas palavras saíram, sequer lembra do dito, mas ao retornar do almoço falou, falou e falou. Pronto! o arcabouço armou-se. À noite no colégio foi a mordida final. Era uma despedida, mas nas entrelinhas apenas um começo. Longos anos jamais apagaram toques tão sutis, e ruminares impregnam após décadas pretéritas. Tudo não passava de lembranças, despedidas da adolescência. O sentir adquiriu novos e absolutos valores; vencer deixou de ser opção, mas consequência natural de extenso e duro trabalho.

- Oi! Qual é teu nome?
- Por quê?
- Porque é difícil e deselegante conversar com alguém e não lhe saber o nome – diz ladino...
- Diga, então, primeiro o teu – retribui com igual malícia... Com uma leve mordiscada nos lábios o estimulou... Feromônios são eficientes, Olavo não percebeu a mordida:
- Olavo!
- Emanuela!
- Belo nome! Forte e...
- ... com dois 'mm' e dois 'nn', por favor...
- ... como queira D. Emmannuela com dois 'mm' e dois 'nn'.
- Olavo também não é nome feio...
- Tudo bem! desfaça, relevo-te. – piscando
- ...
- Adeus! O próximo ponto é o meu.
- Tchau!

Descera, mas vontade de prosseguir era bem forte.

Almoçara como um porco gordo, dormira como uma égua prenha.

Dias após, no serviço, matutava... Precisava trocar de ares, estava saturado de seu mundinho pacato. Seu coração desejava aventuras mais ousadas. Rotina não era a única opção e como sempre vivera como lhe dava no nariz; mais e mais seu coração queimava. Precisava viajar, ver, tocar, conversar com pessoas e estar em lugares diferentes.

Segundo a forma cristã, como fora educado, era só chegar e pedir, logo, logo estaria desiludido. Um trabalho sério equivaleria a muito suor e lágrimas, algumas amargas, outras doces, outras, ainda, agridoce. Viver é melhor que sonhar, dizia o poeta. Agora aparecia a Emmannuela, com dois 'mm' e dois 'nn', como ela mesma enfatizara. Em todo jogo há suas regras, respeitá-las traz a vitória mais fácil e alonga sua permanência consigo. Disso sabia e não abria mão sob quaisquer condições.

Apesar de nada claro, algo despontava tenramente, mas se ela respeitasse as regras poderiam dar, até certo ponto, certos. Infelizmente quando ela apareceu as regras e os planejamentos já haviam sido feitos. Isso remoia em seu inconsciente.

Saiu do trabalho e resolveu ir para casa a pé. Caminhou firme uns quinze quarteirões e ei-la entrando numa butique, curiosamente acompanhou-a com os olhos e de forma sarcástica pensou:

- É quase meu sonho de consumo... faltou apenas uns seios minimamente maiores... he, he, he... – Seu intelectualismo zombou como costumeiramente fazia. Prosseguiu e chegou em casa, ou melhor, do avô.

- Já chegaste? – perguntou o avô *meio* bêbado, isto é, de gatão, miando...

- Sim!

Entrou para o seu quarto e, após tirar as roupas usadas durante o dia, foi banhar-se. Banhou-se e voltou ao quarto, confortavelmente pôs cueca e calção, e deitou na cama e lembrou-se de seus planos. Precisava analisá-los, pois era fim de ano e uma análise séria seria bem vinda porque no vindouro iniciaria a preparação para o próximo passo... O avô voltou a aporrinhá-lo:

- Venha cá!

Foi! Já sabia de cor e salteado o assunto. Seu avô o queria fora. Seus dezoito anos seriam a forçada alforria. Sabia que se saísse antes fracassaria redondamente, mas a situação tornava-se insustentável. Era preciso suportar ou fracassar fragorosamente. Já tinha feito sua escolha. Subornar seu avô era uma opção perigosa, as putas com quem ele andava eram caras, sanguessugas vorazes e ele, o neto, não estava disposto a jogar dinheiro fora. Carecia apenas de mais um ano e seus anos de miséria findavam. Remédio amargo é ruim, mas sara. Os pais, deixara-os por serem contra e obstruírem qualquer tentativa que ultrapassasse o medíocre mundinho deles. Coisa não muito difícil de ser feita. Um sorriso cínico bailou-lhe os lábios.

- Seu safado não te disse que não o queria mais aqui? Não tens vergonha na cara? São três anos que repito quotidianamente. E o dinheiro do aluguel?

- Ainda não findou o mês, sequer o ano! – respondeu firme.

Olhos duros mostraram o quanto à determinação se imporia e as palavras pouco adiantariam. Derrotado, o avô, sai com infindáveis impropérios... Todos conhecidos por Olavo. Contudo, na guerra, urubu é frango. Era preciso e seria feito. Sentimentos não constroem, são por demais abstratos. Apatia era a palavra que melhor descreveria os seus. Foram tantas coisas que nada mais o abalava. Era fraco, mas o ambiente exigia-o forte, todas a vezes que tentara ser diferente fracassou.

A Fortaleza

Esta tinha uns quarenta ou cinqüenta anos. Os tijolinhos eram, ainda, de adobe, mas o reboco era cimento já esfarinhando. O telhado irregular de telhas colonial, pinga mais dentro que fora. Chuva de tormento passou a companheira e o único local onde não molhava era onde se encontrava sua cama, ou melhor, tarimba. Seis tijolos de oito furos, com um compensado por cima e um colchão em vias de se tornar pó... uns doze metros quadrados era o espaço onde devaneava e com o tempo passou a articular seu sucesso. Essa insigne fortaleza era mobiliada, com a cama, já descrita, de uma caixa de banana vazia de cabeça para baixo com as poucas roupas, isto é, uma calça jeans, seis cuecas das mais vagabundas possíveis, três camisas seminovas, um suporte encontrado na rua que servia de pernas duma mesa com uma tábua de compensado um vírgula oitenta metros onde ficavam os mantimentos; uma cadeira onde se encontrava um fogão de duas bocas com botijão de treze quilos. E uma bicicleta. Eis como reiniciou a vida. Do fundo à emersão. Um ano a mais seria crucial. Repetia como um monge tibetano recitando mantras.

O Começo

Nascera sob o signo do dragão, no final do ano, no último dia do mês. Boas recordações pontilham sua infância, mas foram amargando à medida que foi crescendo. O deus cristão fê-lo suportar com a promessa de um pseudocéu e as surras dos pais tentaram-lhe dobrar a vontade. Livros para vagabundos endinheirados reforçavam sua pequena vontade. Inconsciente sabia que não queria aquilo. Era pouco e os estímulos não tardariam a expulsá-lo para o mundo. Suportou muita coisa, mas sua vontade foi moldada, amalgamada neste período. Fome, humilhação, vitupérios, miséria, discriminação... sabia e desejava um mundo melhor e tinha absoluta certeza que conseguiria. Tentou mudar o mundo, mas depois descobriu que se não mudasse o seu jamais viveria conforme queria. E era o único que poderia mudar. Fê-lo! Muitos foram os erros, mas os poucos acertos cobriram com fartura àqueles. Sua vida profissional começou aos dez anos. Picolé, salgado, bicheiro, jornaleiro, açougue, restaurante, gráfica, fazenda... era um desocupado, um faz-tudo. Se continuasse assim fracassaria. Buscou o conhecimento. A maioria foi-lhe negado, contudo aprendeu a se impor e jamais hesitou diante de situações cruciais. Quando não se tem rouba-se de quem possui, toma-se de quem faz. Isso aprendeu duramente. Dezoito anos de sua vida valera por décadas de aprendizado, mas um conhecimento rude, sem significado para um senhor, tudo aprendido era para mantê-lo lacaio. Sempre fora, mas seu âmago era, é e sempre será de senhor. Senhor dos céus e terras. E agora inicia o projeto mais ousado de sua vida. É tudo ou nada. É guerra! Quer sangue!

O Agora de Ontens

O perdão foi uma forma cômoda que os fracos descobriram para mendigarem mais um dia de vida, de privações, aos fortes. Não se esquece, não se perdoa, não se tem pressa. Disciplina, tempo e paciência. *Boguinha*... Eis o nome da nova fase. Etapa de grandes e inúmeras metamorfoses. Céus e terras tremerão. Estes caminham pela vontade de seus Senhores, jamais da dos lacaios. Isso aprendeu. Logo, logo deveria aplicar o conhecimento...

Emmannuela vem-lhe à mente e a forma como adentrou a loja. Sentiu vontade de vê-la, conversar com ela, tocá-la. Seria possível? Talvez, mas algumas coisas careciam ser adaptadas. Eis porque estava sentado em sua cama. Sondaria de forma a conhecê-la melhor e se complementasse seus interesses seria integrada. Ou não. Aprovado na escola caiu no mundo. Aquela cidade não lhe cabia mais, era por demasiado minúscula. Porém, onde começar sua nova fase? E ela? Suas reservas estavam no ótimo somente para ele; mais alguém ficaria comprometida. Era retrocesso. O choque não tardaria e a ou as soluções nasceriam. Uma vez tomada não recuaria sob hipótese nenhuma. Mas como a veria novamente? não queria, pela primeira, vez ficar só...

'Boguinha?!'

Era a nova fase na qual estava se inserindo. Após solidificar sua vontade com pequenas vitórias o próximo passo era dado. Controlaria um setor do comércio. Tudo partindo do nada. Estudo era a palavra mágica. Conhecer outras línguas também era essencial. Seria possível Emmannuela acompanhá-lo? Senão iria sozinho. Mas agora o pensamento prendia-se nela e sequer sabia onde encontrá-la. Mas o impossível era abstrato. Disso, sabia bem... Sua vontade era suficiente para *acontecer*.

Passou a virada de ano.

N'ônibus novamente a encontra... Simplesmente LINDA! vestido de verão, quatro dedos acima dos joelhos, florido, decote mostra o início do colo, sanfonado na cintura – dando a impressão de amassado – cinge à cintura delineando as nádegas, ressalta, luze; bum! bum!BUM! está ao seu lado. O lápis em seus olhos enfatiza-os e seu brilho resume-se num único e pequenino:

- Oi!
- Olá! Tudo bem? – responde ele.
- Um pouco sim, outro não.
- Filosofas na hora vagas? – brinca.
- Como foi tua virada de ano?
- Virando para lá, para cá; na cama... he, he, he – insinua...

Corada foge, mas insiste na pergunta:

- Não tiveste virada de ano?
- Tive, porém fique com meus botões – disse-lhe.
- Tchau! descendo! fui! – diz ela virando-lhe às costas. Nisso o ônibus pára e ambos iniciam a descida.
- Eu também! – responde tocando-lhe o ombro direito, percebe um arrepio visível no corpo dela. Com isso encoraja-se e pergunta:
- Como faço para encontrá-la mais vezes? – diz na escadaria do ônibus, porém não lhe larga o ombro. Ela parece gostar, mas retruca rude:
- Não sei! Esta cidade é tão gran... – ambos saem do ônibus, desobstruem a passarela e aproximam do muro à frente. Alheios ao mundo estabelecem uma simbiótica e silenciosa comunicação telepática, mas ela continua de costas para ele. Ele é rude e direto e impacientemente complementa após longos segundos silenciosos:
-... ou pequena demais. 'Tô saturado desta cidade, penso em sair daqui... – gradualmente vai girando-a. Olhos baixos dela tentam esconder o explícito e tenta se esquivar caminhando, nisso esbarram-se *(!!??)*...
- Desculpe-me! – em uníssono.

E em um único som gargalham...:

- Há, há, há, há... – deleitosa e cativante chama a atenção dos transeuntes, agora percebem que não estão a sós como inconscientemente pensaram. Riem mais ainda e fitam-se nos olhos, os dois, bem mal-*intencionados*.
- Por que é pequena? Às vezes quero encontrar alguém e não consigo. – murmura Emmannuela
- Também tentei encontrar alguém neste final de ano e não *a* encontrei. – Olavo olha-a nos olhos e ela foge rubra. Olavo treme, mas estão diante do trabalho dela. Caminharam até ali e nenhum dos dois percebeu.
- Adeus! – quase um sussurro parte dela.

- Se eu te conhecesse há mais tempo afirmaria que a amava, mas apenas posso dizer-te neste momento com todas as letras: ‘*amo-te’*, agora o porquê não sei. – murmurou o suficiente alto para ser ouvido.

Afastam-se, sequer olham para trás. Ele trabalhou o dia todo em fogo. Seu elemento psicológico nunca fora tão abrangente como agora. Trabalhou produtivamente e furioso. Queria tocar e apertar e sentir o cheiro e beijar. Um vulcão. Como estavam abarrotados de serviço almoçou no trabalho. À tarde ao retornar para casa pensou em ir até ao trabalho de Emmannuela, mas pelo horário viu a tolice; estaria em casa há horas. Não restava outra alternativa senão suportar o avô alcoólatra. Neste dia dormiu cedo, estava exausto. Mas quem era Emmannuela? E Olavo?